

ANO XXXV—N.º 1

Estação Zoológica Nacional
BIBLIOTECA
1967

BOLETIM PECUÁRIO

1967

SUMÁRIO

- 1—A OVINICULTURA EM PORTUGAL—SITUAÇÃO ACTUAL. PERSPECTIVAS
Joaquim da Silva Portugal
- 2—SITUAÇÃO ACTUAL E PERSPECTIVAS DO FUTURO DA LÃ
Guilherme Pereira
- 3—A INTRODUÇÃO EM PORTUGAL DE ALGUMAS RAÇAS OVINAS DE CARNE
—I CRIAÇÃO EM RAÇA PURA
F. Cabral Calheiros
M. P. Benito Ramalho
- 4—A INTRODUÇÃO EM PORTUGAL DE ALGUMAS RAÇAS OVINAS DE CARNE
—II UTILIZAÇÃO EM CRUZAMENTO
F. Cabral Calheiros
M. J. Gonçalves de Morais
- 5—A FERTILIDADE DA OVELHA E A PRODUÇÃO DE CARNE
E. A. S. Ramos da Costa
- 6—O OVINO CHURRO DO ALGARVE
Manuel Trigo Pereira
- 7—OS OVINOS BORDALEIROS DA SERRA DA ESTRELA
Joaquim Domingos Borrego
- 8—A TIPIFICAÇÃO DE LÃS EM CONCENTRAÇÕES DE VELOS DESTINADOS À
INDÚSTRIA
Armando A. Bento

A OVINICULTURA EM PORTUGAL

SITUAÇÃO ACTUAL. PERSPECTIVAS

Por

JOAQUIM DA SILVA PORTUGAL

1 — Para uma população humana que ronda já os 3 500 milhões de almas dispõem os vários países do Mundo de cerca de 810 milhões de ovinos, número inferior ao de bovinos que excede os 860 milhões.

Para o total de ovinos referido contribuem:

- A Oceânia com 216 milhões (26,5 %);
- A Europa com 133 milhões (16,3 %);
- A América Latina com 130 milhões (15,9 %);
- A África com 129 milhões (15,8 %);
- O Próximo Oriente com 122 milhões (14,9 %);
- O Extremo Oriente com 54 milhões (6,7 %);
- A América do Norte com 29 milhões (3,5 %).

A evolução de efectivos verificada nos 12 anos correspondentes ao período decorrido de 1951/52 a 1963/64 mostra um acréscimo global da ordem dos 21 % com expressão mais elevada na Oceânia (48 %) e no Extremo Oriente (40 %), regiões onde a exploração da espécie tem tradições seculares e que dispõem de condições ambientais favoráveis ao seu desenvolvimento.

Na Europa, onde o efectivo tem larga representação numérica e elevado valor funcional, o seu aumento foi de cerca de 10,5 %.

No Extremo Oriente e na África os acréscimos foram, respectivamente, de 17 e 14 %. Na América Latina os efectivos mantiveram-se praticamente estacionários (1,2 % de aumento), registando-se na América do Norte um decréscimo de 11,8 %.

QUADRO I

1000 cabeças

Regiões	1947/48 a 1951/52	1963/64	Aumentos %	Participação no total %
Europa	120 500	133 200	10,5	16,3
América do Norte	32 800	28 900	11,8	3,5
América Latina	128 000	129 600	1,2	15,9
Próximo Oriente	86 700	122 000	40,7	14,9
Extremo Oriente	46 600	54 600	17,1	6,7
África	112 600	128 900	14,4	15,8
Oceânia	145 400	216 300	48,7	26,5
Totais	672 600	813 500	21	—

Analisando, um pouco mais detalhadamente, as evoluções referidas, poderemos acrescentar:

Europa:

Nos países de influência mediterrânica notam-se acréscimos da ordem dos 15 a 25 % em Portugal, França, Grécia e Bulgária. Em contrapartida na Espanha e na Itália registam-se decréscimos de 20 a 30 %.

Nos países nórdicos e da Europa Centro-Occidental verificam-se decréscimos acentuados na Alemanha Occidental e na Áustria (60 %), na Finlândia (80 %) e na Suécia (20 %) e aumentos de 100 % na Alemanha Oriental e na Islândia, de 70 % na Irlanda, de 50 % no Reino Unido, de 30 % na Suíça, de 20 % na Dinamarca e de 10 % na Holanda.

Na Europa Oriental registam-se aumentos da ordem dos 200 % na Hungria, 75 % na Rússia, 40 % na Polónia e 20 % na Roménia.

Nos restantes continentes ou regiões e pelo que se refere a alguns países onde a ovinicultura tem maior expressão, salientaremos:

Américas do Norte e Central:

Decréscimos de 10 e 30 % nos Estados Unidos e no Canadá. Aumento de 10 % no México.

América do Sul:

Decréscimo na generalidade dos países, com excepção do Brasil onde o aumento foi da ordem dos 50 %.

Ásia:

Aumentos substanciais em países como Israel, Jordânia, Síria, Turquia e China Continental.

África:

Aumento generalizado a quase todos os países.

Oceânia:

Aumento com particular significado na Austrália e na Nova Zelândia.

Do exposto poderá concluir-se que embora o progressivo aumento global dos efectivos ovinos traduza o crescente interesse despertado pela exploração desta espécie, a verdade é que este movimento não tem a caracterizá-lo a unidade do seu comportamento em todos os países ou regiões.

Tal facto deve-se, naturalmente, à evolução do próprio processo agrícola que, na incessante procura de novas fórmulas capazes de melhor satisfazerem às necessidades do momento, conduz à alteração das estruturas, à modificação das técnicas e mesmo à introdução de novas e diferentes culturas.

2 — A população ovina em Portugal continental é estimada em cerca de 4 700 000 cabeças que, segundo Ramos da Costa, poderão ser reunidas nos seguintes agrupamentos étnicos:

a) *Churros:*

QUADRO II

Ethia	Número de cabeças	Área geográfica
Badana	370 000	Trás-os-Montes
Galega Bragançana	88 000	»
Galega Mirandesa	36 000	»
Mondegueira	150 000	Beira Alta
Churra do Campo	96 000	Beira Baixa
Algarvia	60 000	Algarve
Total	800 000	—

b) *Bordaleiros*:

QUADRO III

Etnia	Número de cabeças	Área geográfica
Entre Minho e Douro	460 000	Noroeste
Serra da Estrela	650 000	Beira Alta
Saloia	60 000	Lisboa e Setúbal
Campaniça	30 000	Alentejo
Total	1 200 000	—

c) *Merinos*:

QUADRO IV

Etnia	Número de cabeças	Área geográfica
Merino da Beira Baixa	250 000	Beira Baixa
Merino Branco	1 900 000	Alentejo, Ribatejo e Estremadura
Merino Preto	550 000	Alentejo
Total	2 700 000	—

As produções globais destes efectivos, estimados ou registados, são as seguintes:

Carne	23 000 t
Lã	11 300 t
Leite	95 000 t
Queijo	15 600 t

O valor destas produções computa-se em 1 400 000 contos.

Para a produção de carne contribuem os borregos com 15 500 t e os adultos com 7500 t, satisfazendo, no seu conjunto, cerca de 12 % da capitação do consumo de carne no País.

Nesta matéria deve acentuar-se que a melhoria do abastecimento, quer em quantidade, quer em qualidade, tem sido sensível, mercê do recurso à utilização de concentrados para acabamento dos borregos, o

que melhora a sapidez da carne e permite a apresentação no mercado de carcaças de maior peso.

Em matéria de lãs a produção não satisfaz a procura, tanto em quantidade, como em qualidade ou tipos.

Pelo que respeita à produção de leite o País não dispõe de biotipos altamente especializados nesta função, embora as populações «Serra da Estrela» e «Saloia» sejam predominantemente exploradas na produção de leite e evidenciem capacidade funcional bastante apreciável.

Nas restantes populações ovinas o leite é considerado um rendimento adicional, fazendo-se a ordenha após o desmame do borrego, operação que se realiza, em regra, quando este tem 3 a 5 meses de idade.

O leite destina-se à produção de queijo.

É de salientar que o País dispõe de uma variada gama de tipos de queijo de ovelha, alguns dos quais muito apreciados pelas suas extraordinárias qualidades de sapidez.

3 — A ovinicultura teve, desde sempre, em Portugal continental, posição de destacado relevo no conjunto da sua pecuariação. E se isto é verdade para a generalidade do País, particular significado adquire essa posição nas regiões situadas ao Sul do Tejo e nas zonas montanhosas do interior, como a Beira Baixa, a Beira Alta e Trás-os-Montes.

Regiões dominadas por uma agricultura de tipo monocultural e cerealífera, as rotações impunham, por razões ligadas ao clima e à pobreza dos solos, a existência de largos períodos de pousio. Assim, o revestimento do solo pela flora espontânea, completado pelos subprodutos da cultura cerealífera, constituíam o sustentáculo para uma numerosa população ovina, a espécie que, em boa verdade, melhor poderia aproveitar as ervas nascidas e suportar as variações estacionais e anuais dos regimes alimentares que aqueles recursos proporcionavam.

Já nos nossos dias, pouco antes da deflagração do segundo conflito mundial, foi o país dominado por aquilo que poderemos designar por «psicose do grão», instituindo-se, na sua base, a chamada «Campanha do Trigo». Com o estabelecimento de medidas incentivadoras da cultura deste cereal, procurava-se não só a auto-suficiência do País em pão, como ainda o aumento da produção dos cereais secundários.

Não se dispondo, na altura, de técnicas capazes de conduzirem àquele desideratum por via da intensificação cultural, o único caminho que se apresentou como possível foi o da extensificação das culturas.

Assim assistimos, por um lado, à integração na cultura de solos que, por razões várias, se encontravam incultos e revestidos de matos, e, por outro, a um encurtamento dos períodos de pousio nos terrenos já submetidos à cultura.

A integração na cultura de muitos dos solos acima referidos, por razões inerentes à sua estrutura, pelo seu declive ou por ausência de técnicas culturais adequadas, viriam a sofrer as consequências de intensa erosão, degradando-se progressivamente, tornando-se esqueléticas e praticamente improdutivos.

Por sua vez o encurtamento dos períodos de pousio, diminuindo as possibilidades de regeneração natural dos solos, conduziria ao seu empobrecimento, ao mesmo tempo que reduzia as áreas de pastoreio e a própria riqueza das pastagens disponíveis.

Este problema viria a agravar-se seriamente com o aparecimento da monda química, pelos seus naturais reflexos sobre a composição florística das ervagens espontâneas que sucedem à cultura.

O reconhecimento de todo este quadro levaria o Governo, com base em elementos que vêm sendo colhidos acerca de duas décadas pelo Serviço de Reconhecimento e Ordenamento Agrário, a estabelecer as bases em que, de futuro, deve assentar a utilização do solo e, em particular, a cultura cerealífera.

Assim, a linha de rumo estabelecida assenta, essencialmente, em duas bases fundamentais: — a zonagem e a intensificação cultural.

Pelo que se refere à zonagem baseia-se esta em três factores: — viabilidade da intervenção da máquina, capacidade de uso do solo e custos de produção.

A intensificação cultural, entendida esta por aumento de produção por unidade de superfície, dependerá, antes de mais, da localização da cultura em ambiente que satisfaça inteiramente as suas exigências e, depois, da eliminação dos factores adversos porventura contidos no meio em que tem de viver.

